



*Teologia em Diálogo com os Novos Mundos**
Contribuições ecumênicas de Dietrich Ritschl (1929-2018)

Rudolf von Sinner¹

Resumo:

Este artigo investiga a teologia que emerge das contribuições do teólogo, ecumenista, psicanalítico e professor Dietrich Ritschl (1929-2018). De família alemã e nacionalidade suíça, Ritschl conseguia ligar três dimensões cuja conexão é bastante clara e, ainda assim, tudo menos óbvia. Logo, este artigo articula-se a partir dessas três dimensões. Descreve-se a primeira dimensão com o termo *lealdade* como inserção na “megastory”, como o teólogo a chamava, confiança no *Christus praesens*, arraigamento na igreja e primazia da doxologia e da oração sobre a racionalidade. Na segunda dimensão, discute-se sobre a lógica da teologia como *theologia ludens*, uma teologia em jogo. Por fim, analisa-se a terceira dimensão com o termo *confirmação*: a teologia se confirma na ecumene do mundo e na prática da igreja. Teologia é, certamente, um jogo de palavras, mas nele transparece um interesse genuíno pela seriedade da vida concreta e pelas profundezas do Divino.

Palavras-chave: Teologia. Ecumenismo. Dietrich Ritschl. *Theologia Ludens*. Story.

Abstract:

This article examines the theology that emerges from the contributions of the theologian, ecumenist, psychoanalyst and professor Dietrich Ritschl (1929-2018). Of German descent and Swiss nationality, Ritschl was able to unite three dimensions whose connections is clear, but hardly self-evident. Thus, the article is organized along these three dimensions. The first dimension is titled *loyalty* as insertion into the “mega-story”, as the theologian called it, trust in the *Christus praesens*, rootedness in the church and the primacy of doxology and prayer over rationality. As to the second dimension, the logic of theology as *theologia ludens*, a theology at play, is discussed. Finally, the third dimension is called *confirmation*, a theology that is tested and confirmed in the *oikoumene* of the world and the practice of the church. Theology is, certainly, a play of words – but within it shines through a genuine interest for the seriousness of concrete life and the depths of the Divine.

Keywords: Theology. Ecumenism. Dietrich Ritschl. *Theologia Ludens*. Story.

* Este texto foi apresentado originalmente na comemoração acadêmica em homenagem a Dietrich Ritschl no Auditório Antigo da Universidade de Heidelberg em 18 de janeiro de 2019. Tradução do original alemão por Luís Marcos Sander; revisão técnica por Tarcísio Padilha.

¹ Doutor em Teologia pela Universidade de Basiléia, Suíça, e livre-docente em Teologia Sistemática pela Universidade de Berna, Suíça. Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR em Curitiba/PR e Professor extra-ordinário na Universidade de Stellenbosch, África do Sul. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Dietrich Ritschl, nascido em 1929 na Basileia, Suíça, em uma família originalmente estabelecida na Boêmia e de lá expulsa, passou muitos dos anos de sua vida e de atuação nos novos mundos da América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, anos que o marcaram como ser humano, pensador e professor, mas também como contemporâneo em termos políticos². Disso surgiu, entre outros, um belo livrinho com relatos e análises da América e da Australásia sob o título “Teologia nos Novos Mundos”, com o qual procurou promover “a compreensão do labor teológico nos países de língua inglesa”³. Consultas, palestras e outros contatos também levaram Ritschl a outros novos mundos, como a Europa oriental (a ex-Tchecoslováquia, a URSS), a América do Sul (Brasil, México), a África (Camarões), a Ásia (Índia, Sri Lanka, Taiwan, China, Coreia do Sul) e a Oceania (Fiji)⁴.

Alguns desses novos mundos, de fato antigos – porém efetivamente novos para os chamados descobridores do início da Era Moderna, para a Europa ocidental e também para o descobrimento de Ritschl – tornaram-se muito próximos dele, enquanto que outros lhe permaneceram estranhos, não obstante todo o interesse. Enquanto que a relação entre judeus e cristãos se tornou para ele o tema ecumênico por excelência, os sistemas semióticos de outras religiões, sobretudo asiáticas, pareceram-lhe tão diferentes do cristianismo que, exceto no âmbito de contatos pessoais e em questões éticas, ele via poucas possibilidades de aproximação⁵. Isso, entretanto, não o impediu de se admirar com o fato e a forma como alguns de seus alunos avançaram, nesse ponto, mais do que ele mesmo pôde fazer⁶.

² Sobre Ritschl em português, ver SINNER, Rudolf von. Bioética e esperança cristã. In: HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin H. K. (ed.), *Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: Do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores* São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 153-158; no mesmo ano, Ritschl foi professor visitante na então Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo/RS e apresentou como palestra o que foi publicado como RITSCHL, Dietrich. O conceito de ‘story’ na ética da saúde. *Estudos Teológicos*, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007.

³ RITSCHL, Dietrich. *Theologie in den Neuen Welten: Analysen und Berichte aus Amerika und Australasien*. München: Chr. Kaiser, 1981, p. 7.

⁴ RITSCHL, Dietrich. *Dietrich Ritschl: Bibliographie 1949 bis 2016*. Reigoldswil: do autor, 2017, p. 46.

⁵ “Os cristãos, em última análise junto com os judeus, vivem em um sistema semiótico inteiramente distinto” (RITSCHL, Dietrich. *Theorie und Konkrektion in der Ökumenischen Theologie: Kann es eine Hermeneutik des Vertrauens inmitten differierender semiotischer Systeme geben?* Münster: Lit, 2003, p. 27).

⁶ Ver especialmente os trabalhos de Reinhold Bernhardt na área do diálogo inter-religioso e da teologia das religiões, como *Inter-Religio. Das Christentum in Beziehung zu anderen Religionen* (Zürich: TVZ, 2019). Sua tese elaborada sob orientação de Ritschl foi publicada como *Der Absolutheitsanspruch des Christentums* (Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1990, 2. ed. 1993). Em português, ver BERNHARDT,

O destino de muitos ecumenistas é estar, ao mesmo tempo, em muitos lugares, mas não estar em casa em parte alguma. Em uma situação assim, pode-se facilmente acabar ficando na terra de ninguém. Dietrich Ritschl conseguiu compreender a amplitude e a migração não como problema, mas sim como enriquecimento. Estando em novos e velhos mundos, ele criou uma rede enorme de contatos e amizades, muitos dos quais manteve e cultivou ao longo de muitas décadas. Não obstante, voltava constantemente para seu lar em Reigoldswil (perto da cidade de Basileia, na Suíça), no qual pessoas tanto de perto quanto de longe entravam e saíam sem problema.

Sua teologia não é concebível sem esse diálogo constante, que incluía não apenas um interesse objetivo, mas sempre e, principalmente, um interesse pessoal pelo parceiro e pela parceira de diálogo. Mesmo onde tinha reservas, ele se envolvia com outras posições e se tornou, motivado por seu interesse pelas pessoas em suas circunstâncias de vida concretas, um verdadeiro *pontifex*, um “construtor de pontes” entre pessoas, contextos, confissões ou denominações, entre mundos novos e antigos.

Ritschl conseguia ligar pessoas e integrar aspectos que, para muitas outras pessoas, talvez para a maioria, eram inconciliáveis. Ele conseguia lidar tanto com sua herança acadêmica feudal, militar e honorável e os valores centenários da Ordem de São João⁷, à qual pertencia como cavaleiro de direito pleno, quanto participar de uma manifestação na rua em prol dos direitos civis dos negros nos EUA; lidava com pessoas notáveis da mesma maneira que lidava com pessoas à margem da sociedade; conseguia aprender de Barth sem permanecer barthiano.

Sobre sua infância, ele relata o seguinte: “Minha família estava repleta de professores universitários. Quando pequeno, eu achava que, com exceção do leiteiro e de nosso vizinho [...], todos os homens do mundo eram professores universitários”. Ao mesmo tempo, porém, aprendeu com seu pai Hans, que era professor de Economia em

Reinhold. Teologia da trindade como fundamento de uma teologia protestante das religiões. *Estudos Teológicos*, v. 44, n. 2, p. 58-72, 2004.

⁷ A Balley de Brandenbúrgue da Ordem dos Cavaleiros de São João do Hospital em Jerusalém é uma repartição protestante da Ordem estabelecida ainda antes da primeira cruzada por comerciantes italianos, em relação à fundação de um hospital dedicado a São João, na cidade de Jerusalém. Com a adesão do eleitor Joaquim II de Brandenbúrgue à doutrina luterana, esta parte da ordem se tornou protestante em 1538. Hoje, se dedica ao atendimento na saúde e em outras demandas sociais. Tem como lema *tuitio fidei et obsequium pauperum* – “testemunho da fé e apoio aos pobres”, ressoando Mateus 25,40. Ver <http://www.johanniter.de>, acesso em 24 mar. 2021.

Basileia, que as pessoas eruditas só empurravam “as coisas para lá e para cá de maneira nova, as organizavam de outra forma e, de vez em quando, tinham ideias originais”. Também na área acadêmica, “a equidade e a coragem de abrir exceções ... [eram] mais importantes [...] do que os parágrafos dos regulamentos”⁸. Com efeito, mais tarde, ele haveria de sofrer pelo fato de que esses parágrafos conseguiam impedir soluções criativas em atitude de abertura ecumênica – um doutorando católico, por exemplo, não pôde ser aceito em sua Faculdade de Teologia Evangélica por causa da concordata histórica com o estado alemão que garantia a confessionalidade (exclusiva). Ritschl teria sentido quase que como um martírio se tivesse sido encarregado da implementação do Processo de Bolonha⁹ – conseguiu escapar desse perigo se aposentando na hora certa.

Também do lado de sua esposa, de família suíça, criada na cidade alemã de Potsdam, Rosemarie Courvoisier (1926-2014), havia professores universitários. Com ela, ele compartilhou não só mais de 60 anos, mas sobretudo o amor. Nos últimos anos de vida dela, após o derrame cerebral que sofreu, ele cuidou de “Billy”, como a chamava, de modo comovente. Dizia que essa profissão, a de enfermeiro, era a última que estava aprendendo. Por causa dessa tarefa, abriu mão, em grande parte, de escrever textos de teologia. Para Dietrich, a vida, o amor e as pessoas vinham antes de todas as palavras eruditas e livros volumosos. Já em sua infância ele tinha assumido uma corresponsabilidade diária por seu irmão mais jovem, que tinha nascido com uma cardiopatia grave. Mais tarde, como psicoterapeuta, atividade que exerceu durante décadas ao lado de sua cátedra universitária, acompanhou muitas pessoas em seu sofrimento e processo de cura. Todos esses engajamentos e experiências também foram fundamento de reflexão teológica, confluíram em seu pensamento e foram marcados por ele.

Nos anos que passou nos EUA, ele se confrontou principalmente com a teologia da morte de Deus e a teologia do processo. A partir desse contexto, o teólogo anglicano Paul van Buren (1924-1998) se tornou para ele um parceiro de diálogo para a vida toda, em grau crescente nas questões referentes ao ecumenismo judaico-cristão. Além da

⁸ RITSCHL, Dietrich. Dietrich Ritschl. In: HENNING, Christian; LEHMKÜHLER, Karsten (Orgs.). *Systematische Theologie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998, p. 3-23 (citação à p. 5).

⁹ Sobre este processo ver, por exemplo, https://www.uc.pt/candidatos-internacionais/sistema_graus/processo-bolonha, acesso em 24 mar. 2021.

confrontação teológica, porém, o envolvimento concreto em prol dos direitos civis dos negros nos EUA, pelos quais estudantes, docentes, pastores e rabinos demonstraram nas ruas, foram uma confirmação (*Bewährung*, também “comprovação”, um resultado de teste – utilizo as duas traduções no que segue) importante e, ao mesmo tempo, uma tarefa para a teologia. Ritschl manteve um diálogo – efetivamente crítico – com Martin Luther King Jr. (1929-1968) e escreveu textos que visavam expor ao público europeu qual era a causa que estava em jogo¹⁰. Em 1969, tornou-se docente no Union Theological Seminary, em Nova Iorque, junto com o teólogo negro da libertação James Cone.¹¹ Assim como Ritschl, Cone faleceu em 2018; também a ele cabe uma recordação honrosa.

Em sua contribuição para a coletânea *How Karl Barth Changed My Mind*, Ritschl escreve que teria dito a Barth, em uma de suas últimas muitas conversas, que sua ambição era ser um bom músico na orquestra dos teólogos. Barth teria discordado energicamente e o incentivado, com um sorriso, a se apresentar como solista. Ritschl se expressou da seguinte maneira: “Penso hoje, assim como naquela época, que o tempo para isso já passou”.

A teologia é conversa, é diálogo, é, além disso, como logo veremos, também jogo¹². Esse jogo ocorria, por exemplo, nos diálogos ecumênicos da Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas – ele teve uma participação importante nos estudos sobre a apostolicidade da fé e da igreja e sobre o *filioque* –, onde fazia música não só em sentido metafórico, mas também real com outras pessoas e pensadores muito diferentes dele, como o teólogo da libertação presbiteriano Rubem Alves (1933-2014), com seu colega de estudos e ecumenista Lukas Vischer (1926-2008), da Igreja Reformada, e com o bispo ortodoxo Michael de Leningrado (como a cidade então se chamava)¹³. Posso imaginar que, também quando se usava uma partitura conjunta, as

¹⁰ RITSCHL, Dietrich. Martin Luther King, Jr. In: RITSCHL, Dietrich. *Konzepte: Ökumene, Medizin, Ethik: Gesammelte Aufsätze*, München: Chr. Kaiser, 1986, p. 316-333; RITSCHL, Dietrich. *Nur Menschen: Zur Negerfrage in den amerikanischen Südstaaten*. Berlin: Käthe Vogt Verlag, 1962. Como Ritschl observa em sua bibliografia, só mais tarde a palavra “negro” foi usada de modo sarcástico como “nigger” (RITSCHL, 2017, p. 2).

¹¹ Ver a republicação dos dois clássicos CONE, James. *Deus dos oprimidos e Teologia negra*. São Paulo: Recriar, 2020.

¹² RITSCHL, Dietrich. How to Be Most Grateful to Karl Barth Without Remaining a Barthian. In: MCKIM, Donald K. (ed.). *How Karl Barth Changed My Mind*. Eugene: Eerdmans, 1986, p. 86-93 (citação à p. 91).

¹³ RITSCHL, 2003, p. 11; a informação sobre Rubem Alves me foi dada por Dietrich Ritschl por ocasião de uma visita em Reigoldswil.

diferentes musicalidades transpareciam claramente e não impediam, mas enriqueciam a música feita em conjunto.

Ritschl era uma personalidade *sui generis* na academia, particularmente na alemã. Para mim e muitas outras pessoas de quem ele foi professor – no meu caso, isso ocorreu no início da década de 1990 em Heidelberg – sua forma de abordar temas era como chuva temporã sobre nossas almas ressecadas. Muitos e muitas de nós tinham fome de novos mundos, novos horizontes, novas abordagens que não rejeitassem ou negligenciassem a tradição, mas conseguissem ir além dela. Ansiávamos por uma ligação convincente da teoria e da prática.

Naqueles anos, perguntávamos, em um seminário intensivo bastante polêmico em Heidelberg, a respeito de Deus e do mundo, poder e política, o significado dos 500 anos dos chamados descobrimentos de Colombo. Ritschl questionava algumas de nossas radicalidades e nem de longe estava convencido de tudo; ainda assim, nos apoiou como professor, amigo paterno e decano. Ele sempre tinha grande interesse e grande respeito pelos e pelas estudantes, era atencioso, tinha senso de humor e era cativante.

Nas aulas, era reanimadoramente sincero, admitia muitas particularidades e absurdos da atividade acadêmica e até as criticava, sem se isentar de autoironia. Era reanimadoramente acessível e, ao mesmo tempo, despertava em nós grande respeito por seu conhecimento abrangente e sua competência nas discussões. Conseguia recorrer tanto à experiência quanto ao conhecimento.

Conseguia – e no que segue vou me aprofundar um pouco nisso – ligar três dimensões cuja conexão é bastante clara e, ainda assim, tudo menos óbvia. Descrevo a primeira dimensão com o termo *lealdade*: a inserção na “megastory”, como ele a chamava, a confiança no *Christus praesens*, o arraigamento na igreja, a primazia da doxologia e da oração sobre a racionalidade. Mas – e esta é a segunda dimensão – nem por isso ele abria mão da racionalidade, que colocava em jogo para uma análise – detalhada, orientada pela filosofia e arraigada na história da teologia – de nosso discurso teológico, para a descoberta da lógica da teologia. Nesse contexto, então, a teologia podia ser uma “*theologia ludens*”, uma teologia no jogo. Por isso, descrevo essa dimensão com a palavra *jogo*. Por fim, descrevo a terceira dimensão com o termo *comprovação*: a teologia se comprova no ecúmeno do mundo e na prática da igreja.

1. Lealdade

Dietrich Ritschl era inteiramente professor, também sempre pastor em tudo que fazia. Em sua autoapresentação como teólogo sistemático, ele relata que, no fim de seu período de estudos, tinha um desejo claro: “Eu realmente queria me tornar pastor. No pastorado minha teologia poderia se comprovar – ou então ela não valia nada. Percebi pela primeira vez que a igreja era sinônimo de caso de necessidade, mas que a teologia era um jogo, um jogo belo e sério”¹⁴.

A igreja era para ele, como escreve em outra publicação, “a grande descoberta”, e isso como comunidade reunida, mas desde o início também, e justamente, como “realidade ecumênica que abrange o mundo todo”.¹⁵ Assim, foi inicialmente candidato ao pastorado em Baselland, depois pastor entre migrantes alemães na Escócia, que, assim como ele próprio, eram obrigados a viver em condições muito precárias. Entre essas pessoas havia esposas alemãs de soldados escoceses, as chamadas *war brides*, enfermeiras, estudantes e muitos ex-prisioneiros de guerra. Lá, Ritschl construiu a igreja em sentido metafórico e também literal: ele construiu com as próprias mãos o púlpito de uma ex-escola de dança transformada em igreja em Edimburgo. Ser pastor, ensinar teologia e atuar como aconselhador se associaram de modo indissolúvel; ele era marido e pai de quatro filhos, e nas horas noturnas escreveu sua tese de doutorado em teologia patristica, *The Concept of Union with Christ in the Early Catholic Church*¹⁶.

Interessou-se cada vez mais por narrativas ou, como preferia dizer, *stories* – não apenas as *stories* da Bíblia, mas também e justamente as das pessoas. *Stories* de pessoas que creem se inserem em uma corrente com inumeráveis outras, não por simplesmente nadarem de maneira acrítica com a correnteza, mas por não estarem fora, e sim, bem no meio da grande *story* de Deus com Israel, Jesus e a igreja¹⁷. Para Ritschl, isso sempre precisa ser levado em conta pela teologia, como toda a necessária crítica à igreja. E Ritschl

¹⁴ RITSCHL, 1998, p. 9.

¹⁵ RITSCHL, 2003, p. 3.

¹⁶ RITSCHL, Dietrich. *The Concept of Union with Christ in the Early Catholic Church*. Ann Arbor: UMI, 1957.

¹⁷ Cf. a Introdução em: BERNHARDT, Reinhold et al. (Orgs.). *Theologische Samenkörner: Dem Lehrer Dietrich Ritschl zum 65. Münster: Geburtstag, 1994, p. 17.*

manifestava essa crítica constantemente, porém, mais em forma de pergunta do que de acusação. Neste sentido, para ele, o amor à igreja é – assim como a própria igreja – sempre concebido e praticado ecumenicamente. Por conseguinte, esse amor ecumênico consegue, com base em uma confiança antecipada, conduzir à “curiosidade e [à] paciência”, que, como escreve em sua introdução à teologia ecumênica,

Possibilitam levar a sério também temas e questões que são importantes para outras pessoas, mesmo que de momento não me pareçam relevantes. [...] A antiga máxima em latim do trabalho ecumênico expressa isso de maneira convincente: ‘*In necessariis unitas – in dubiis libertas – in omnibus caritas.*’ ‘*In omnibus caritas*’ – isso inclui, para pessoas cristãs provenientes da Reforma, pensar ideias teológicas tipicamente católicas ou ideias teológicas tipicamente ortodoxas, inclui levar a sério o sacramental chegando até a curiosidade de querer saber o que a veneração de Maria e dos santos significa para outras pessoas que creem.¹⁸

Nesse sentido, disse ainda que

Com a palavra-chave ‘amor à igreja’ eu gostaria de [...] remeter à experiência de que o encontro com o estranho, o outro, não consiste apenas na empatia, em colocar-se dentro das condições do outro, mas, primordialmente, na *participação conjunta* em um *terceiro* elemento, a mensagem da Bíblia, a fé, e também a igreja.¹⁹

O que se visa com isso não é uma atualização de textos bíblicos antigos para nossa época, mas, sim, deixar que Deus contemple e interprete nosso mundo, ao considerar e esclarecer nosso questionamento atual a respeito de Deus e nosso discurso atual sobre Deus à luz da Escritura e da tradição. Crer é viver na perspectiva de Deus²⁰. Ele escreve, ainda, que “Deus interpreta a história, e não a causa”²¹. Seu interesse, por inspiração principalmente da Torá e dos profetas do Antigo Testamento, era justamente investigar

¹⁸ RITSCHL, Dietrich. *Ökumenische Theologie*. In: RITSCHL, Dietrich; USTORF, Werner. *Ökumenische Theologie – Missionswissenschaft*. Stuttgart: Kohlhammer, 1994. p. 7-97 à p. 50. Essa máxima ele também colocou no início de um texto anterior: RITSCHL, Dietrich. *Wege ökumenischer Entscheidungsfindung*. In: HUBER, Wolfgang; RITSCHL, Dietrich; SUNDERMEIER, Theo (eds.). *Ökumenische Existenz heute*, München: Chr. Kaiser, 1986, p. 11-48.

¹⁹ RITSCHL, 1994, p. 51.

²⁰ RITSCHL, Dietrich. *Gotteserkenntnis durch Wiedererkennen*. In: RITSCHL, Dietrich. *Bildersprache und Argumente: Theologische Aufsätze*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2008, p. 5-15 (citação à p. 11).

²¹ RITSCHL, Dietrich. *Praising God as Interpreter and Critic of History*. In: RITSCHL, Dietrich, 2008, 25-35 (citação à p. 34): “God *interprets* history, God does not *cause* it”; também RITSCHL, Dietrich. *Gott als Kritiker der Geschichte*. In: RITSCHL, 2008, p. 16-24.

os traços básicos do “contraprojeto” de Deus para nosso mundo²². Após 20 anos de encontro e discussão com pessoas cristãs dos novos mundos, sobretudo no chamado Sul global, posso dizer que essa forma de pensar, e principalmente essa atitude de Ritschl, são de enorme importância. Em muitos lugares, a atitude básica da igreja infelizmente não é guiada por confiança mútua nem por interesse e cooperação, e sim por concorrência intensa. Deus é cooptado com demasiada facilidade para fins próprios, também e justamente para fins políticos – nem mesmo sombra de um “contraprojeto” ou crítica profética. Infelizmente, no Brasil, minha pátria por opção, vê-se atualmente com clareza para onde podem levar alianças políticas oportunistas com tons religiosos²³.

Gostaria de incluir ainda uma outra metáfora recorrente em Ritschl: “habitar” as *stories* da vida e da Bíblia. A concepção de *story* foi elaborada por Ritschl em diálogo com exegetas, principalmente do Antigo Testamento, como James Barr (1924-2006), também no diálogo com a psicoterapia analítica. As *stories* são a matéria-prima a partir da qual a teologia é gerada – mas não simplesmente de maneira fria e distanciada²⁴. Assim, ele afirma:

Pretendo habitar as *stories* da Bíblia e utilizar os sistemas semióticos, os prédios linguísticos da igreja, criados por seus intelectuais e também por simples fiéis para orientar minha vida pelas *stories* e, em última análise, por aquilo de que elas tratam. Por essa ótica, também a teologia é mais um jogo, um jogo sério e bonito, que deve se comprovar em sua força orientadora, enquanto que o culto e a cura d’almas, a pregação e a ética são o caso de emergência que precisa dessa orientação.²⁵

Além do elemento intelectual, também fazem parte do “sistema complexo” na teologia “imagens internas, religiosidade, solidariedade, lealdade e [...] confiança”: “Às vezes sonho com uma teologia e cooperação ecumênica em que não só se fale sobre Deus e Jesus Cristo, mas em que a atuação de Deus no Espírito seja considerada possível e

²² RITSCHL, Dietrich. Gott als Gegenwind: Eine unsystematische Meditation über eine Metapher. In: RITSCHL, 2008, p. 68-74.

²³ Ver GABATZ, Celso; SINNER, Rudolf von. Populismo e “povo”: precariedades e polarizações como desafio para os direitos humanos na perspectiva de uma teologia pública na contemporaneidade. *Estudos Teológicos*, v. 60, n. 1, 188-205, 2020.

²⁴ RITSCHL, Dietrich; JONES, Hugh O. *Story als Rohmaterial der Theologie*. München: Chr. Kaiser, 1976.

²⁵ RITSCHL, 2003, p. 19.

levada a sério”²⁶. Ele dedicou várias palestras, depois transformadas em livro, à teoria e concretização da teologia ecumênica sob a palavra-chave “hermenêutica da confiança”. Neste contexto, confiança significa sobretudo confiança na presença de Cristo justamente na confissão ou denominação que não nos é familiar.

Desde a década de 1960 Ritschl defende a posição, desenvolvida detalhadamente em seu livro *Memory and Hope*, de que o problema teológico propriamente dito não é a tensão entre o Jesus histórico e o Ressurreto, o Cristo da fé, e sim a tensão entre o Jesus histórico-Pascal e o *Christus praesens*, “como Deus que chama e ser humano que responde em função substitutiva”²⁷. Para a vida dos fiéis e da igreja, este é decisivo, assim como é decisiva a confiança nele²⁸.

A oração, o falar adscritivo a Deus, precede sempre, para Ritschl, o falar descritivo de Deus. A teologia é *second order language*, uma forma linguística subordinada, mas nem por isso destituída de importância. Ela tem, além disso, uma “borda doxológica” sempre focada no Deus triúno: “A doxologia compreende em si a força para a verificação dos enunciados da fé sobre os quais a teologia reflete analiticamente”²⁹. Passo à seção seguinte: Jogo.

2. Jogo

Se, portanto, a confiança no *Christus praesens*, a lealdade a ele e o encontrar-se dentro das *stories* da vida e da Bíblia são o ponto de partida, deve-se perguntar agora como se pode falar sobre isso de uma maneira que faça sentido. E, nesse ponto, Ritschl pôde ser muito claro: um dos maiores problemas para ele era o fundamentalismo, com o qual se deparou repetidas vezes justamente nos novos mundos. Difícil e até insuportável para ele era uma linguagem teológica que parta de intervenções diretas de Deus, ou até atribua à ação de Deus o ódio, destruição, discriminação, assassinato e outras coisas terríveis.

²⁶ RITSCHL, Dietrich, 2003, p. v.

²⁷ RITSCHL, 1998, p. 14.

²⁸ Estas ideias repercutem em SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência*. Reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

²⁹ RITSCHL, 1998, p. 14.

Em uma entrevista, ele externou a seguinte ideia: “A proposição bem curta de que Deus teria guiado e feito tudo isso é, em minha opinião, herética”³⁰. A teologia deve se contrapor a esse absurdo através de uma reflexão crítico-constructiva. Ela busca a verdade, mas está, ao mesmo tempo, ciente de que o acesso à verdade é precário. Para Ritschl, a verdade se encontra atrás da linguagem, porém nos deparamos com ela na linguagem.

Neste sentido, a linguagem, também a das pessoas que creem, é guiada pré-linguisticamente pelo que ele chamava de axiomas implícitos³¹. Esses axiomas funcionam de modo implícito, mas eles podem ser formulados, como aconteceu repetidas vezes nos concílios ecumênicos. Ele considerava a eleição de Israel e sua ampliação para a igreja uma das proposições teológicas mais tremendas, mas também mais irritantes que se podia enunciar³². Portanto, embora os axiomas implícitos sejam formuláveis, eles não constituem premissas principais formuladas de uma vez para sempre, das quais se poderia, então, fazer deduções de maneira rigorosa e inequívoca. É evidente que as diversas tradições e posições no universo ecumênico chegam a concepções muito diferentes, embora compartilhem as mesmas premissas. Como disse, pelo que se conta, um bispo ortodoxo em um diálogo ecumênico: “Os cristãos estão unidos em torno da Bíblia – enquanto ela permanecer fechada”. Assim que ela é aberta e lida, as divergências se tornam legião.

Para Ritschl, a lógica da teologia se constitui de tal modo que ela pergunta, a partir da situação dada em cada caso com seu “momentaneamente urgente”, a respeito do “permanentemente importante”, dos grandes temas teológicos constantes. Essa se encontra atrás dos textos bíblicos, não neles, embora na própria Bíblia ocorram somatórios – por exemplo, a história do êxodo – e também derivações desses somatórios – por exemplo, a cruz como remissão à redenção em Cristo. A rigor, Deus não é descrito em conceitos, mas em metáforas, cujo emprego, por sua vez, é guiado pelos axiomas implícitos. Assim como tais axiomas guiam o desenvolvimento e a aquisição da fala na primeira infância – as “estruturas profundas” de Noam Chomsky –, assim como regulam

³⁰ MÜLLER, Achim. Dietrich Ritschl – Der Mensch ist, was er von sich erzählen kann. In: BAUEROCHSE, Lothar; HOFMEISTER, Klaus. *Wie sie wurden was sie sind: Zeitgenössische Theologinnen und Theologen im Portrait*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2001, p. 178-193 (citação à p. 189).

³¹ Cf. a parte II do livro *Strukturen hinter Texten*. In: RITSCHL, 2008, p. 75-172.

³² Cit. ap. MÜLLER, 2001, p. 187.

convicções éticas e políticas e o comportamento social, da mesma maneira eles também atuam como guia na vida dos fiéis, que precisa ser analisada teologicamente³³.

Portanto, a questão central com que Ritschl se ocupou a vida toda foi como o falar de Deus funciona na fé, na pregação e na teologia. Nesse sentido, muitos teóricos da ciência e da hermenêutica eram dedutivos demais para ele, assim como certas posições da teologia política e da teologia da libertação. A filosofia analítica da linguagem, por sua vez, cuja escola ele frequentou, “parte da linguagem das pessoas que creem, que ela pretende analisar, examinar e orientar de maneira inovadora”³⁴. Ao fazer isso, a teologia só é parcialmente “científica” – Francis Bacon com sua distinção de *theologia inspirata* e *theologia naturalis*, bem como o uso muito distinto de *science* em inglês e *Wissenschaft* em alemão estão por trás dessa constatação³⁵. Para Ritschl, isso é basicamente assim porque a teologia, por um lado, como ele vivenciou, justamente nos novos mundos, está estreitamente ligada com a igreja e com a fé, sendo, como dito acima, inicialmente adscritiva e não descritiva, e, por outro lado, porque ele queria entendê-la mais como sabedoria do que como ciência.

Outra questão com que Ritschl se ocupou e que respondeu com alguma reticência é se na teologia – e também na teologia ecumênica – pode haver pesquisa em sentido estrito e, por conseguinte, também progresso com novos conhecimentos³⁶. Em contraposição a isso, para Ritschl a teologia se comporta mais como arte, que também contém um elemento lúdico.

Em sua obra principal, *Zur Logik der Theologie*, ele escreveu o seguinte: “A liberdade para o jogo sério e o humor da leveza ao lidar com nossa própria capacidade de pensamento, ou seja, a percepção de que tudo também poderia ser diferente e que precisamos começar do início de novo – isso não seriam dádivas ruins da teologia para a universidade e o mundo das ciências”³⁷. Em seu primeiríssimo texto publicado há quase

³³ RITSCHL, 1986, p. 42; RITSCHL, Dietrich. The Search for Implicit Axioms behind Doctrinal Texts. In: RITSCHL, Dietrich, 2008, p. 111-123.

³⁴ Editores e editoras de BERNHARDT et al., 1994, p. 24.

³⁵ Quanto a isso, em comparação com os EUA, RITSCHL, 1981, p. 16-27 (*Amerikanische Theologie als Wissenschaft* – “Teologia americana como ciência”) – quanto a Bacon, p. ex., p. 17.

³⁶ P. ex., em RITSCHL, Dietrich. Vom Sinn ökumenischer Forschung. In: RITSCHL, Dietrich, 2003, p. 27-42.

³⁷ RITSCHL, Dietrich. *Zur Logik der Theologie*: Kurze Darstellung der Zusammenhänge theologischer Grundgedanken, München: Chr. Kaiser, 1984, p. 16.

70 anos, no periódico *Basler Nachrichten*, sob o título “Teologia da dança”, e que fazia referência a uma palestra de Gerardus van der Leeuw na Universidade de Basileia, Ritschl escreveu o seguinte: “Brincar ou jogar [...] é ser leve e ao mesmo tempo ser sério, é ser autenticamente criança e, por isso, o verdadeiro ser do ser humano. [...] Talvez o ser humano nunca mais encontre em sua vida uma seriedade como a que tinha ao brincar quando criança”³⁸. Assim, portanto, o jogo teológico, a espécie adequada de fazer teologia, acontece entre a linguagem e a realidade, a realidade de Deus e do mundo.

A questão para Ritschl não era como podemos colocar Deus no jogo em nosso mundo, e sim como podemos conceber ludicamente como nosso mundo deveria ser contemplado na perspectiva de Deus. Ritschl não elaborou uma pneumatologia explícita, mas ficou *claro* para ele que ela deveria partir desse ponto³⁹. Aqui, teria-se um ponto de partida para o diálogo com as igrejas pentecostais, que continuam crescendo, sobretudo no Sul global.

Em todo caso, essa contemplação do mundo a partir da perspectiva de Deus, por mais pretensiosa e fascinante que seja e possa e deva ser executada no laboratório da teologia acadêmica, não é puramente um fim em si mesma, não é simplesmente “arte pela arte”, mas precisa se comprovar no mundo, na realidade concreta. A teologia não é apenas adscritiva e descritiva, mas também performativa⁴⁰.

Passo, com isso, à terceira dimensão: a confirmação (ou comprovação), em que concentro a atenção, muito seletivamente, na perspectiva dos novos mundos.

3 Confirmação

Fazer teologia nos Novos Mundos, sobretudo da América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, implica a adoção de um certo pragmatismo. Isso significa que sempre se precisa perguntar a respeito das consequências concretas da prática e do ensino. Isto se aplica mais ainda aos outros novos mundos de que Ritschl tomou conhecimento com

³⁸ Publicado em 21 de janeiro de 1949, cit. ap. BERNHARDT, Reinhold. *Theologia Ludens*. In: BERNHARDT et al., 1994, p. 60-70 (citação da p. 60).

³⁹ RITSCHL, 1998, p. 12.

⁴⁰ Cf. RITSCHL, Dietrich; HAILER, Martin. *Grundkurs Christliche Theologie: Diesseits und jenseits der Worte*. 3. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2010, p. 365-393.

seriedade e interesse, mas para com os quais permaneceu bastante crítico e distanciado. Ele era muito reticente em relação ao discurso – usual durante um certo tempo – acerca de uma *indigenous theology* (“teologia autóctone”) e à crítica nela contida a uma teologia “ocidental” aparentemente homogênea. Ainda assim, queria depreender das vozes do – na época assim chamado – Terceiro Mundo coisas importantes, que contribuiriam para, em suas palavras, “perceber aquilo que Deus está fazendo agora, o que ‘está se passando com Deus agora’”⁴¹. Em face de abordagens teológicas atuais vindas dos novos mundos, essa atitude e crítica deveriam ser ouvidas e, por sua vez, refletidas e discutidas criticamente.

Em todo caso, ficou logo claro para Ritschl o que só se tornou óbvio bem mais tarde para grande parte da teologia na Europa, a saber, que “o peso da igreja [...] [começou a] se deslocar do mundo europeu e norte-americano para o Terceiro Mundo, especialmente para a África”⁴². Nesse sentido, mas também em termos gerais, uma teologia e exegese puramente histórica dos clássicos sempre pareceu insuficiente para Ritschl. A teologia escocesa lhe ensinou, em suas palavras, que não se podem dar “respostas históricas [...] a perguntas autenticamente teológicas”⁴³. Deste mesmo aprendizado emergiu a percepção de que ideologizações deveriam ser evitadas. Assim, escreveu:

Não pode haver dúvida quanto à afirmação de que a igreja deve defender pessoas doentes, fracas, pobres, injustiçadas, discriminadas, presas e perseguidas. Nesse sentido, a igreja deve ser partidária. Mas se ela se fixa, por meio de seus porta-vozes, a esta ou aquela ideologia política e apresenta a verdade histórica partidariamente, como o está fazendo hoje muitas vezes nos quatro cantos do mundo, isso contradiz sua missão e é eticamente insuportável.⁴⁴

Ele podia entender e reconhecer que o partidarismo estivesse a serviço do “momentaneamente urgente”, mas protestava contra modismos que perdessem de vista o “permanentemente importante”. Entretanto, nós só temos acesso ao “permanentemente

⁴¹ RITSCHL, Dietrich. *Westliche Theologie im Licht der Kritik aus der Dritten Welt: Kritisches zum Begriff ‘Indigenous Theology’*. In: RITSCHL, 1986, p. 179-197 (citação da p. 197).

⁴² RITSCHL, 1984, p. 14.

⁴³ RITSCHL, 1998, p. 10.

⁴⁴ RITSCHL, 1984, p. 323.

importante” através da confrontação com o “momentaneamente urgente” e, por conseguinte, com o presente e os demais seres humanos. Ainda assim, em última análise só entendemos este último a partir da perspectiva daquele primeiro. É só a partir do “permanentemente importante” que se coloca a pergunta a respeito de Deus e da legitimidade da própria ação⁴⁵. Hoje em dia, em face das atuais percepções e abordagens pós-coloniais e decoloniais, provavelmente teríamos de perguntar se o acesso ao “permanentemente importante” não seria mais difícil do que pensava Ritschl.

Além disso, hoje em dia teria de se verificar, mais uma vez, a partir da urgência do sofrimento de seres humanos e cristãos em muitos lugares dos velhos e novos mundos, o que faz parte do “permanentemente importante”, já que podem surgir temas talvez não novos – ou será que sim? –, mas com acentos novos que possuem sua relevância não só em nível regional e tampouco só temporariamente. Ritschl de fato admitia isso e incluía nesses temas, nos anos 1980, “a preocupação com a paz, com a alimentação da população mundial, os direitos humanos e a escassez de recursos naturais e energéticos”⁴⁶.

Como se mostrou acima, a troca de ideias com Martin Luther King Jr. e a luta pelos direitos civis nos EUA lhe ensinaram que a justiça tinha de ser conquistada também nas ruas. Neste caso, a luta era a modalidade correta. Contudo, por causa do colapso do movimento pacifista, dos retrocessos no diálogo entre cristãos e marxistas, do qual ele tinha participado por meio das conferências sobre a paz em Praga, bem como das profundas desavenças na esteira do movimento de 1968, seu interesse se deslocou da ética política para a ética médica. Nesta área, porém, ele pretendia dar atenção não só à ética do médico ou da médica como indivíduo, mas também, e justamente, a questões de política da saúde. E não deixou a ética política inteiramente de lado: valorizava muito iniciativas ecumênicas como a Década para a Superação da Violência do Conselho Mundial de Igrejas, em que um de seus alunos teve um papel central⁴⁷.

Concluo, então, com uma afirmação inspirada em Rubem Alves, com o qual Ritschl discutiu e, como mencionado, também fez música, e com o qual também Ritschl

⁴⁵ RITSCHL, 1984, parte IF4, p. 120-123, principalmente p. 121.

⁴⁶ RITSCHL, 1984, p. 122.

⁴⁷ Ver ENNS, Fernando (Org.). *Dekade zur Überwindung von Gewalt 2001-2010: Impulse*. Frankfurt: Lembeck, 2001; bem como sua tese de doutorado elaborada sob orientação de Dietrich Ritschl e publicada como *Friedenskirche in der Ökumene. Mennonitische Wurzeln einer Ethik der Gewaltfreiheit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2003.

teria concordado: “A teologia é um jogo que é jogado quando a vida está em jogo”⁴⁸. Certamente é um jogo de palavras, mas nele transparece um interesse genuíno pela seriedade da vida concreta e pelas profundezas do Divino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNHARDT, Reinhold et al. (Orgs.). **Theologische Samenkörner: Dem Lehrer Dietrich Ritschl zum 65.** Münster: Geburtstag, 1994.

BERNHARDT, Reinhold. Teologia da trindade como fundamento de uma teologia protestante das religiões. **Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, p. 58-72, 2004.

CONE, James. **Deus dos oprimidos e Teologia negra.** São Paulo: Recriar, 2020.

ENNS, Fernando (Org.). **Dekade zur Überwindung von Gewalt.** Impulse. Frankfurt: Lembeck, 2001.

MÜLLER, Achim. Dietrich Ritschl – Der Mensch ist, was er von sich erzählen kann. In: BAUEROCHSE, Lothar; HOFMEISTER, Klaus. **Wie sie wurden was sie sind: Zeitgenössische Theologinnen und Theologen im Portrait.** Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2001.

RITSCHL, Dietrich. **The Concept of Union with Christ in the Early Catholic Church.** Ann Arbor: UMI, 1957.

RITSCHL, Dietrich. **Nur Menschen:** Zur Negerfrage in den amerikanischen Südstaaten. Berlin: Käthe Vogt Verlag, 1962.

RITSCHL, Dietrich. **Theologie in den Neuen Welten:** Analysen und Berichte aus Amerika und Australasien. München: Chr. Kaiser, 1981.

RITSCHL, Dietrich. **Zur Logik der Theologie:** Kurze Darstellung der Zusammenhänge theologischer Grundgedanken, München: Chr. Kaiser, 1984.

RITSCHL, Dietrich. Martin Luther King Jr. In: RITSCHL, Dietrich. **Konzepte: Ökumene, Medizin, Ethik: Gesammelte Aufsätze.** München: Chr. Kaiser, 1986.

RITSCHL, Dietrich. Wege ökumenischer Entscheidungsfindung. In: HUBER, Wolfgang; RITSCHL, Dietrich; SUNDERMEIER, Theo (eds.). **Ökumenische Existenz heute.** München: Chr. Kaiser, 1986.

RITSCHL, Dietrich. How to Be Most Grateful to Karl Barth Without Remaining a Barthian. In: MCKIM, Donald K. (ed.). **How Karl Barth Changed My Mind.** Eugene: Erdmans, 1986.

⁴⁸ REBLIN, Iuri Andréas. Waves of Liberation Theology: God non-science since Rubem Alves. *Protestantismo em Revista*, v. 27, p. 3-8, especialmente 5ss., 2012.

RITSCHL, Dietrich. **Westliche Theologie im Licht der Kritik aus der Dritten Welt: Kritisches zum Begriff 'Indigenous Theology'**. In: RITSCHL, 1986.

RITSCHL, Dietrich. **Ökumenische Theologie**. In: RITSCHL, Dietrich; USTORF, Werner. **Ökumenische Theologie – Missionswissenschaft**. Stuttgart: Kohlhammer, 1994.

RITSCHL, Dietrich. Dietrich Ritschl. In: HENNING, Christian; LEHMKÜHLER, Karsten (Orgs.). **Systematische Theologie der Gegenwart in Selbstdarstellungen. Tübingen: Mohr Siebeck**, 1998.

RITSCHL, Dietrich. **Theorie und Konkretion in der Ökumenischen Theologie: Kann es eine Hermeneutik des Vertrauens inmitten differierender semiotischer Systeme geben?** Münster: Lit, 2003.

RITSCHL, Dietrich. **Vom Sinn ökumenischer Forschung**. In: RITSCHL, Dietrich, 2003.

RITSCHL, Dietrich. O conceito de 'story' na ética da saúde. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007.

RITSCHL, Dietrich. Gotteserkenntnis durch Wiedererkennen. In: RITSCHL, Dietrich. **Bildersprache und Argumente: Theologische Aufsätze**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2008.

RITSCHL, Dietrich. Gott als Gegenwind: Eine unsystematische Meditation über eine Metapher. In: **RITSCHL**, 2008.

RITSCHL, Dietrich. Gotteserkenntnis durch Wiedererkennen. In: RITSCHL, Dietrich. **Bildersprache und Argumente: Theologische Aufsätze**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2008.

RITSCHL, Dietrich. **Praising God as Interpreter and Critic of History**. In: RITSCHL, Dietrich, 2008.

RITSCHL, Dietrich. **Gott als Gegenwind: Eine unsystematische Meditation über eine Metapher**. In: RITSCHL, 2008.

RITSCHL, Dietrich. **The Search for Implicit Axioms behind Doctrinal Texts**. In: RITSCHL, Dietrich, 2008.

RITSCHL, Dietrich; HAILER, Martin. **Grundkurs Christliche Theologie: Diesseits und jenseits der Worte**. 3. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2010.

REBLIN, Iuri Andréas. Waves of Liberation Theology: God non-science since Rubem Alves. **Protestantismo em Revista**, v. 27, p. 3-8, especialmente 5ss., 2012.

REBLIN, Iuri Andréas. Waves of Liberation Theology: God non-science since Rubem Alves. **Protestantismo em Revista**, v. 27, p. 3-8, especialmente 5ss., 2012.

SINNER, Rudolf von. **Confiança e convivência**. Reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

